



O neopentecostalismo é neoliberal?

Is Neopentecostalism neoliberalist?

Paula Lobo Cintra*

Resumo: A mentalidade neoliberal atinge todas as áreas da vida dos indivíduos. O sagrado não fica à margem do processo de materialização, individualização e mercantilização que ela propõe. Atrelado à naturalização desta racionalidade no Brasil, um fenômeno ocorre: o aumento de um ramo religioso em projeções alarmantes. Este cenário faz surgir questionamentos quanto à existência de relação entre o neoliberalismo e uma vertente religiosa cristã, os chamados: neopentecostais. Para a análise do tema serão feitas breves considerações sobre a origem do neopentecostalismo no país, seguidas de indagações quanto à possibilidade de entender o fenômeno vinculado a uma perspectiva neoliberal. Para tanto, a pesquisa põe em debate: a aproximação das organizações aos imperativos empresariais; a economização do sagrado traduzida na mercantilização e uso de linguagem publicitária; a emancipação do sujeito religioso da solidariedade social típica de ajuntamentos religiosos; e o sacrifício do sujeito pela organização unida à responsabilização pelo seu insucesso pessoal. Neste objetivo, foi determinado o método hermenêutico-argumentativo, além das pesquisas exploratória e bibliográfica, valendo-se, como procedimentos técnicos, da documentação indireta.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Religião. Cristianismo. Neopentecostalismo.

Abstract: The neoliberal mindset permeates all aspects of individual's lives. The sacred is not exempt from the process of materialization, individualization and commodification it proposes. Tied to the naturalization of this rationality in Brazil, a phenomenon occurs: the alarming growth of a religious branch. This scenario raises questions about the existence of a relationship between neoliberalism and a Christian religious trend, the so-called neopentecostals. To analyze the theme, brief considerations will be made about the origin of neopentecostalism in the country, followed by inquiries about the possibility of understanding the phenomenon linked to a neoliberal perspective. For this purpose, the research puts into debate: the approach of organizations to business imperatives; the economization of the sacred translated into commodification and the use of advertising language; the emancipation of the religious subject from the social solidarity typical of religious gatherings; and the sacrifice of the subject for the organization, coupled with the accountability for their personal failure. For this objective the hermeneutic-argumentative method was determined, in addition to exploratory and bibliographic research, using as technical procedures, indirect documentation.

Palavras-chave: Neoliberalism. Religion. Christianity. Neopentecostalism.

Introdução

O crescimento das organizações neopentecostais de forma concomitante ao contexto neoliberal no Brasil, é fator que incita maior investigação sobre o tema. Há projeção nacional de diversas entidades religiosas deste ramo, chegando também a atingir o cenário internacional, como é o caso de uma de suas mais relevantes organizações: a

* Mestranda em Direito (UFBA, Salvador-BA). ORCID: 0009-0004-9031-4253 – contato: paulalcintra@hotmail.com

Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, presente em 97 países em 2023, segundo dados de seu site oficial.

Gilberto Nascimento, autor do livro: *O Reino: a história de Edir Macêdo e uma radiografia da Igreja Universal*, em entrevista ao jornalista Breno Altman afirmou: “O neopentecostalismo é a religião do neoliberalismo” apontando a relação com o empreendedorismo, ponderando sobre a teologia da prosperidade e a busca pelas bênçãos para tornar os sujeitos ricos, prósperos e bem-sucedidos. Essa afirmação trouxe o interesse deste estudo no aprofundamento teórico desta ponderação. O que faria de um modelo religioso uma “religião do neoliberalismo”? Tais organizações se movimentam de acordo com a lógica neoliberal e por isso o seu crescimento tem sido exponencial? Há algo que congregue os mesmos ideais?

Numa tentativa de responder a tais questionamentos, este estudo investiga interações entre o neoliberalismo e o neopentecostalismo, considerando sua simultânea expansão no Brasil nos anos 1980-1990. Assim, a hipótese de investigação levantada é: Há elementos que caracterizam aproximações entre o contexto neoliberal e a ascensão do modelo cristão protestante neopentecostal? As ponderações sobre tais questões serão apresentadas na seção 3, utilizando a revisão de literatura de diferentes ramos do conhecimento. No entanto, antes de apresentá-las, será necessário dedicar a uma breve contextualização do fenômeno cristão protestante no Brasil, adentrando ao ramo neopentecostal e suas características mais marcantes. É o que se fará na sequência.

Cristianismo e movimento neopentecostal

Para contextualizar o movimento neopentecostal, pode-se dizer que se trata de uma linha de interpretação teológica, de origem cristã protestante, originada nos movimentos cristãos do século XIX. O cristianismo, com origem na Palestina, cresceu no sentido oriente-ocidente. O movimento protestante surge em sua história após a Reforma Protestante cujo marco expoente ocorreu em 1517, momento em que houve separação da igreja católica.

Movimento protestante, pentecostalismo e neopentecostalismo

O movimento protestante inicia sua presença no Brasil no século XVI, período em que a conjuntura religiosa do país estava dominada pela doutrina católica. Apresentando um panorama do protestantismo no país, Matos (2011) destaca que sua presença foi iniciada com invasores no território brasileiro: os grupos franceses que chegaram à baía de Guanabara, entre 1555 e 1557¹ e dos grupos holandeses que se estabeleceram no Nordeste, onde criaram uma igreja nos moldes da igreja reformada na Holanda. Estes

1 Em 10 de março de 1557, ocorreu o primeiro culto protestante no Brasil e nas Américas, após a chegada de Nicolas Durand de Villegaignon. Pastores e colonos vieram para implantar a fé reformada entre os franceses e evangelizar os indígenas, atendendo ao pedido de Villegaignon à Igreja Reformada de Genebra.

primeiros agrupamentos, no entanto, se perderam ao longo do processo histórico², pois o historiador Boanerges Ribeiro afirma que “ao iniciar-se o século XIX, não havia no Brasil vestígio de protestantismo” (Ribeiro, 1973, p.15).

Somente após o processo de imigração, após 1835, foi possível identificar no território avanços do protestantismo. Maior relevo foi obtido com a da garantia da liberdade religiosa alcançada após a Proclamação da República, pois, com a separação entre estado e igreja, foi permitido o pluralismo religioso no país. Assim, em 1858 foi criada a “igreja evangélica de língua portuguesa” em solo brasileiro, popularizando o termo que hoje designa esse segmento religioso (Bitun, 2007).

O crescimento do cristianismo protestante, no entanto, não se evidenciou através dos primeiros cristãos reformados chegados ao país, mas, somente, através dos grupos tidos como pentecostais.

Existem posicionamentos distintos quanto ao real surgimento do ramo pentecostal. Alguns autores afirmam que é uma ramificação surgida no início do século XX, nos Estados Unidos por suecos “inflamados pela chama do reavivamento”³ (Nascimento, 2019, p.37) em referência ao episódio da descida do Espírito Santo narrado no Novo Testamento (Matos, 2006). Em outro ponto de vista, Alan Pierrat (1993) afirma que seus primeiros pregadores datam das décadas de 1850 e 1860, na Inglaterra e na Alemanha.

A marca distintiva da mensagem pentecostal está nas afirmações de cura, tendo por único meio a fé. Seus adeptos afirmam possuí-la como dom espiritual, aspecto que demarca originalmente o movimento pentecostal (Silva, 2008). Dessa forma, os fatores que distinguem o modelo denominado pentecostal dos cristãos considerados tradicionais são: a frequente ênfase à guerra espiritual e a teologia da prosperidade, de Kenneth Hagin (1996, 2000), que afirma aos fiéis o direito de usufruir das boas coisas da vida em sua existência terrena (Siepierski, 2001) apresentando comumente um discurso sobre aspectos financeiros junto aos fiéis (Silva, 2008). Ela possui como pressuposto filosófico a “confissão positiva”. Nesta, a palavra dita com fé, repetidamente, é capaz de gerar milagres.

Paul Freston (1993) realizou uma classificação considerando que o pentecostalismo teria passado por três fases sequenciadas, denominadas “ondas”⁴. Dessa forma, se enquadrariam como pertencentes da primeira onda, as igrejas pentecostais clássicas: a Congregação Cristã no Brasil, fundada em 1910, e as Assembleias de Deus, de 1911. Na segunda onda: a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo, criada em 1955 e a Igreja Deus é Amor, de 1962.

2 Matos (2011) justifica a ausência de protestantes após a expulsão dos Holandeses do Brasil, afirmando que teria sido mantida vedada a presença de protestantes em território brasileiro até a chegada da corte portuguesa ao Brasil em 1808, em razão do interesse do período em atrair imigrantes ao território.

3 O reavivamento é o termo teológico para um despertar religioso em um local específico, envolvendo conversão espiritual e renovação da espiritualidade. No pentecostalismo, refere-se à busca mais profunda do Espírito Santo, iniciado em 1901 em Topeka, Kansas, por Charles Fox Parham, que estudou o batismo no Espírito Santo, destacando o falar em línguas e cultos vibrantes com ênfase no louvor.

4 Freston (1993) classificou as igrejas evangélicas em ondas para caracterizar as fases do movimento pentecostal. A primeira onda, ou “pentecostalismo clássico,” inclui igrejas das primeiras décadas do século XX. A segunda onda, ou “pentecostalismo de transição” (1950-1980), introduziu modificações na doutrina com foco em cura e exorcismo. A última onda abrange as igrejas que cresceram a partir dos anos 1980.

O movimento denominado neopentecostal é descrito por Freston como pertencente da terceira ondata pentecostalismo que tem como expoentes: a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977; a Igreja Internacional da Graça de Deus, de 1980; a Comunidade Sara Nossa Terra, de 1976; a Comunidade Cristã Paz e Vida, de 1982; a Igreja Renascer em Cristo, de 1986; em 1988, a Igreja Mundial do Poder de Deus, e, em 1993, a igreja Bola de Neve Church.

Os dados do Censo 2010 destacam que, em 30 anos, o percentual de evangélicos passou de 6,6% para 22,2% da população. A expectativa para o Censo 2022, cujos dados ainda não foram publicados, é de que a porcentagem já tenha atingido 30%, sendo o crescimento religioso que mais cresce no país⁵. Siepierski (2001), porém, afirma que este crescimento se dá de forma desigual. É mais acentuado nas igrejas pentecostais e, com uma observação mais atenta, também desigual entre as pentecostais, sendo mais visível no grupo de igrejas que caracterizam um novo estilo de pentecostalismo, aquelas pertencentes à terceira onda.

O censo em 2010 também apontou que o número de pentecostais cresceu 115%, enquanto as igrejas tradicionais apenas 58%. A relevância em entender o fenômeno fez com que o Censo de 1980 passasse a separar os pentecostais em diferentes categorias. A razão para a divisão está na intensa fragmentação do movimento, pois há constante divisão de igrejas por incompatibilidades, resultando na formação de novas organizações com distintas práticas. As principais expoentes desse movimento exemplificam isso. Edir Macêdo Ribeiro e Romildo Ribeiro Soares, que inicialmente fundaram juntos uma dessas organizações, atualmente são líderes de igrejas distintas. Assim como Valdemiro Santiago, ex-bispo da Universal, que hoje é líder da Mundial.

Em pesquisas mais recentes sobre o tema, estudiosos têm abandonado o termo “neopentecostal” por considerar que o prefixo “neo”, embora cristalizado, não seria o mais adequado, pois a terceira onda não representaria renovação da teoria, mas uma manifestação bem distinta. Por isso, são escolhidas as expressões: “pós-pentecostalismo” ou “pós-protestantismo” (Campos, 1997).

Gerson Leite de Moraes (2008, 2010) é um dos autores que opta por novo nome, denominando-o como “transpentecostal”. Ele entende que o prefixo “trans”, que em latim significa: “além; para além”, conforme o dicionário Francisco Torrinha (1942), melhor exprime a atual situação do campo pentecostal brasileiro, por traduzir e elasticidade que apresenta em seus constantes fracionamentos e mutações.

Posicionamento divergente também é encontrado em Robson Cavalcanti, ao afirmar que o movimento deveria ser classificado como “pseudopentecostalismo”, por reconhecer que existe incompatibilidade nos planos teológico e social para enquadrar igrejas como a Assembleia de Deus e a Universal, como de um mesmo grupo. Para ele, as igrejas de terceira onda deveriam ser designadas como “seitas paracristãs” (Cavalcanti, 2008).

5 Em análise da transição religiosa no Brasil, em artigo publicado por EcoDebate (2018), José Eustáquio Diniz Alves, doutor em demografia e professor titular do mestrado e doutorado em População, Território e Estatísticas Públicas da Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE/IBGE, afirmou que as projeções indicam que em 2032 a população de evangélicos terá superado a de católicos.

A perspectiva dessa autora, contudo, permanece ancorada em uma abordagem mais convencional, defendendo que o termo “neopentecostal” ainda possa ser utilizado para designar de forma mais abrangente o campo de pesquisa. Essa posição é defendida considerando que a utilização do prefixo “neo”, já cristalizada, ainda se mantenha adequada para demarcar o recorte doutrinário e a chave de busca sobre o tema, sendo adequada a determinar a temática de modo macro. Deve-se registrar, no entanto, que compreende as limitações semânticas da terminologia e reconhece como enriquecedoras as análises apresentadas por autores como Moraes, Cavalcanti e Campos, para detalhar os desdobramentos da última fase do pentecostalismo.

Apresentado o breve contexto, o ponto seguinte apresentará um panorama da doutrina e atuação de igrejas neopentecostais.

Aspectos gerais da doutrina neopentecostal

A síntese das ideias centrais do movimento neopentecostal feita por Antônio Gouvêa de Mendonça (Mendonça, 1989, p. 52) destaca configurações empresariais de oferta de bens de serviços e de religião; distanciamento da Bíblia; frequentadores comportando-se como clientes; culto com viés de ajuntamento de pessoas interessadas, e não de comunidade cristã; e intenso ambiente de magia. Permeia todo discurso a valorização dos efeitos “mágicos” da fé. Por isso, também poderia ser chamado pentecostalismo da cura divina.

O crescimento extraordinário deste modelo congregacional é justificado pela acessibilidade do discurso e por buscar tratar diretamente de soluções práticas para problemas e anseios dos fiéis. Costuma-se tratar de desemprego, ascensão social e econômica, da solidão sofrida no modelo socioeconômico vigente (Rodrigues, 2011), de doenças físicas e psicológicas de que padecem os indivíduos e seus familiares, além dos casos de dependência química.

A instituição religiosa comporta-se como intermediária entre os anseios dos “indivíduos excluídos no modelo econômico vigente” (Rodrigues, 2011, p. 18) e o objeto de seu desejo. Por esta razão, promove o discurso de satisfação de necessidade de seus adeptos, com a promessa de devolver-lhes estima e sentido à vida. A fé emerge como a solução, proporcionando o meio para transcender a rigidez da realidade, é transformada em um reservatório de expectativas, refletindo a lógica do investimento neoliberal.

Guy Debord (2003) destaca esse papel atingido pela religião, tornando-se o meio responsável a suprir anseios e inquietações geradas pelo modelo econômico de regras de mercado, pela aceleração das relações e isolamento proporcionado no processo tecnológico. A formatação doutrinária das igrejas debatidas neste estudo aproveita-se desta função da religião, pois atua como instrumento agregador de interesses individuais, anunciando-se ofertante dos meios de ascensão espiritual, social e financeira através da mercantilização do sagrado, adquirindo proximidade com a abordagem comercial.

Na busca por satisfazer suas necessidades, o sujeito é compelido a comparecer a eventos específicos e apresentar uma oferta financeira ao divino, como requisito à obtenção do favor espiritual. Anuncia-se que, por meio deste elo, poderá acessar elementos

transcendentais. Através da crença instrumentalizada serão obtidos milagres, e será possível a eliminação de frustrações e limitações que o sujeito encontra na vida social (Rodrigues, 2011). Mendonça (1997) identifica esses fiéis como “clientes buscando investimentos em si e em sua família”, realizando em contrapartida “doações” ou literalmente comprando uma “[...] solução mágica para os problemas do cotidiano”.

O ideal de crescimento espiritual e material do indivíduo se manifesta orientado ao sucesso, por meio da crença obterá o favor divino individual. Suas soluções para os interessados comportam ingredientes miraculosos e oferecem uma resposta condizente com o modelo capitalista de sociedade de consumo, pois é instantânea (Silva; Cintra, 2020).

Para atingir o objetivo, o ambiente precisa estar municiado de elementos divulgadores, estratégias de marketing e propaganda capazes de atrair novos sujeitos e conquistá-los por meio do discurso. Por esta razão, como se verá na seção 3.3, há forte investimento em projeção midiática, adoção do perfil de “igreja eletrônica” (Martin-barbero, 1997) e do “marketing da fé”⁶ (Malheiros, 2008), exercido pela extensiva programação religiosa em diversos canais televisivos ou emisoras de rádio de grande alcance.

Fixadas as características essenciais das igrejas classificadas como neopentecostais, deve-se observar o contexto neoliberal favorável ao desenvolvimento deste modelo religioso.

Contexto neoliberal e relações com o neopentecostalismo

O surgimento do modelo religioso denominado “neopentecostal” no Brasil, conjuga-se ao contexto de avanço do neoliberalismo no Brasil⁷. Ao dirigir olhar mais apurado sobre o tema, é possível observar uma relação direta entre a ascensão do neoliberalismo e a propagação da doutrina neopentecostal.

Tomando por base o momento de ascensão da doutrina neoliberal, ocorrido a partir dos anos 1970, verifica-se, no Brasil, um período em que muitos dos direitos conquistados pelos trabalhadores passavam por modificação. Os níveis dos salários haviam sido reduzidos, as leis de proteção ao trabalhador estavam sendo remodeladas, fazendo surgir a opção de empregos de tempo parcial, terceirizações, trabalhos temporários e informais. O ambiente traduzia ampliação da precarização do trabalho e uma alta taxa de desemprego (Morais, 2012, p.48).

Este cenário se mostrou favorável ao surgimento e crescimento do neopentecostalismo, pois, como interpretou Edson Moraes (2012), este ramo religioso se apresentou no contexto como uma “[...] resposta funcional e eficaz à massa de trabalhadores que ficaram ‘à deriva’ nos centros urbanos”. Seu modo de atuação permitiu que a doutrina adquirisse seguidores de segmentos religiosos e estratos sociais distintos, ao anunciar

6 O marketing da fé se manifesta no exercício de publicidade religiosa, no anúncio de eventos, serviços e produtos religiosos e na vasta programação religiosa em televisão, rádios e internet. O tema será retomado ao abordar a economicização do sagrado, marketing, publicidade religiosa e a telerreligião.

7 Filgueiras (2006) destaca que o fracasso do Plano Cruzado e os embates na Assembleia Constituinte (1986-1988) favoreceram o surgimento do neoliberalismo, que passou de uma doutrina a um projeto político. Nos anos 1990, isso se manifestou claramente com o Plano Collor e as privatizações.

campanhas com objetivo de restituição de bens perdidos, ou para obtenção de saúde, emprego e recuperação de empresas falidas.

O extraordinário desenvolvimento da doutrina se justificou por encontrar na condição vivenciada por elevada parcela da população, terreno favorável ao crescimento de um modelo religioso voltado à busca do sucesso por meio da fé. As organizações deste setor começaram a propor respostas para problemas sociais como: o desemprego, anseios por progresso social e econômico, isolamento no contexto socioeconômico, enfermidades físicas e mentais que afetavam tanto os indivíduos quanto seus familiares. Seu modo de interpretar o sagrado foi propagado como meio capaz de atender às aspirações individuais, utilizando uma linguagem acessível às massas.

De forma especial, no contexto brasileiro, houve expansão em termos de membresia e patrimônio para as instituições que enfatizavam a prosperidade “[...] enquanto uma promessa passível de ser confirmada pela ‘ação divina’” (Morais, 2012, p. 55). Divulga-se que, se o indivíduo investir – ofertar a Deus – poderá ter como resposta a solução de seus problemas pessoais, recebendo do divino ainda mais em troca. Este fator denuncia a condição de vida da população e a centralidade que uma modificação socioeconômica tinha na vida dos fiéis.

O movimento neopentecostal, em resposta a tais necessidades, ganha o perfil de “[...] uma reformulação da religiosidade evangélica que atende às demandas de uma sociedade fragmentada e desesperançada, sofredora de desajustes sociais, e que se projeta no fervor religioso” (Rodrigues, 2011, p.18).

Este modelo de religiosidade, diferentemente de igrejas cristãs mais tradicionais, não expressa preocupação em transformação da sociedade desigual e injusta, e em refletir “[...] princípios evangélicos da igualdade, da justiça, da liberdade, da compaixão, do serviço, da cooperação e da alteridade”. Pelo contrário, “[...] pretende resolver problemas imediatos dos indivíduos que sofrem as angústias provocadas por uma sociedade consumista, imediatista e com mercado de trabalho flexível e precarizado que assola a segurança e esperança” (Morais, 2012, p.52).

O contexto dessas muitas necessidades socioeconômicas imediatas a serem satisfeitas, encontrou nos avanços da racionalidade neoliberal um ambiente propício ao desenvolvimento do que este estudo optou por caracterizar como processo de “economicização” do sagrado, como se verá na porção 3.

Apontadas as interações do contexto social, a próxima porção se dedicará a investigar a hipótese central do estudo, apontando aproximações do modelo neopentecostal à mentalidade neoliberal, observando, como referencial teórico, a concepção de Wendy Brown (2018)⁸.

Por que o neopentecostalismo seria neoliberal?

A pergunta que nomeia a seção pode ser inicialmente respondida apontando uma apropriação do discurso neoliberal por organizações neopentecostais “[...] transformando

⁸ Brown, filósofa formada em ciência política e economia, é influenciada pela teoria crítica da Escola de Frankfurt e por Foucault. Professora de Ciência Política na Universidade da Califórnia, Berkeley, é referência em discussões sobre neoliberalismo. É autora de "Cidadania Sacrificial" (2018) e "Nas Ruínas do Neoliberalismo" (2019).

a relação do indivíduo com a fé, e se constituindo enquanto uma indústria simbólica de bens culturais que comercializa modelos de identidades e molda, assim, um certo tipo de sujeito” (Abreu, 2017, p. 14).

Para conduzir ponderações sobre relações entre o neopentecostalismo e o cenário neoliberal no Brasil, optou-se por elencar cinco relevantes características: 3.1 Organizações religiosas que se aproximam de imperativos empresariais; 3.2. A economização do sagrado traduzida na mercantilização da relação entre o fiel-consumidor e entidades religiosas e no uso de linguagem publicitária; 3.3 A emancipação do sujeito da solidariedade social típica de ajuntamentos religiosos, característica central do cristianismo, manifestação religiosa marcada pela vivência em comunidade e cooperação; e 3.4. O sacrifício do sujeito pela organização e a responsabilização pelo seu insucesso pessoal.

Igrejas ou empresas?

Em essência, as instituições religiosas não atuam de forma empresária. Seu objetivo é transcendente. Elas possuem indivíduos dispostos a propagar os mandamentos da religião com a função primária de promover aos adeptos o aperfeiçoamento de sua crença. Entretanto, ao realizar uma análise mais detalhada sobre como as maiores entidades neopentecostais brasileiras operam, diversos artigos jornalísticos, decisões judiciais e estudos acadêmicos sugerem que há semelhanças com as práticas empresariais.

Em matéria jornalística da Folha de São Paulo veiculada em 1995, Fernando de Barros Silva, afirmou que essas organizações possuem, além de “[...] promessas de salvação instantâneas, intimidade com o dinheiro, tolerância em relação aos costumes dos fiéis”, uma “organização empresarial sofisticada”, enfatizando que a “[...] exploração dos meios de comunicação de massa e técnicas de persuasão enérgicas fazem dos neoevangélicos o McDonald’s da religião contemporânea”.

No âmbito judicial, diversas ações têm sido propostas na esfera trabalhista. Os autores, majoritariamente, ex-ministros que possuíam vínculos com igrejas neopentecostais, têm alegado que suas atividades eram realizadas com dedicação exclusiva; imposição de venda de produtos; obrigatoriedade do cumprimento de regras para ministrar os cultos; prestação diária de contas; ameaças de rebaixamento e transferência; metas de arrecadação sob pena de despedida; prêmios por produtividade; fiscalização por superiores; impossibilidade de substituição; exigência de atividades administrativas como emissão de relatórios e remessas bancárias; fiscalização de outros obreiros e seguranças; existência de um “plano de carreira” para obter a condição de bispo; e, no caso da Universal, exigência da ausência de filhos ou imposição de vasectomia, como requisito à ascensão na estrutura da igreja. Baseadas nestes relatos, as ações desejam o reconhecimento de vínculo de emprego⁹.

O fator preponderante para que ocorra o reconhecimento é definido através da análise do que a jurisprudência trabalhista definiu como “desvirtuamento de finalidade

⁹ São exemplos os processos: 1001211-65.2017.5.02.0717, 0001007.13.2011.5.09.0892, 1000980-40.2018.5.02.0511 1000826-10.2021.5.02.0384, 1000195-95.2023.5.02.0481, 1000744-27.2022.5.02.0001, 1000405-55.2022.5.02.0264, entre outros.

religiosa”. A ponderação parte da compreensão de que o modo de atuação das igrejas em que se verificam presentes as características citadas, torna descaracterizado “[...] o intuito meramente eclesialístico nas atividades executadas”¹⁰.

A perspectiva que considera possível a caracterização de emprego entre igrejas e pastores possui previsão na legislação. Após inclusão do tema em 2023, a CLT passou a afirmar que, em regra, não é possível que o pastor seja considerado empregado, por enquadrar o trabalho religioso como exercício de sacerdócio espiritual, unido a um propósito pessoal de busca pelo sagrado. No entanto, há uma exceção apresentada pelo artigo 442, parágrafo 3º da CLT. Quando configurado o desvirtuamento da finalidade religiosa, isto é, quando se constata que a igreja não está apenas dedicada aos seus propósitos ideais de aprimoramento da fé de seus fiéis e de objetivos filantrópicos, torna-se viável declarar a existência de vínculo empregatício.

A legislação trabalhista atual reflete uma tendência interpretativa que já vinha sendo adotada por parte do judiciário brasileiro nos últimos anos. Além da avaliação quanto à sua natureza eclesialística, no caso específico, examina-se a conduta adotada por essas organizações. A exigência de metas de arrecadação de dízimos e ofertas denuncia organizações atuando em “[...] contornos empresariais, com finalidade econômica”, excedendo o que pode ser considerado o fim principal de uma instituição religiosa. Nestes casos “[...] o pastor deixa de atuar como religioso e passa a ser um verdadeiro empregado” (Neves, 2021, p. 102).

O cenário apresentado permite considerar a hipótese de que se verifica uma crescente fraude trabalhista realizada por empresas religiosas¹¹. Nomeadas como igrejas e protegidas pela Constituição Federal, com a imunização de seu patrimônio e renda¹², estariam atuando verdadeiras organizações empresariais, em modo estruturado e apto a usufruírem das proteções jurídicas em prol de sua ascensão e da obtenção de lucro com a fé de seus membros. Tais questões evidenciam a lógica de economicização neoliberal interferindo nos objetivos e no modo de atuação de muitas igrejas brasileiras.

Além da análise jurídica, é essencial trazer para discussão as características que delimitam o conceito de “contorno empresarial”. Para tanto, será preciso ponderar sobre quais teriam sido as condições propícias ao surgimento desta tendência no campo religioso brasileiro, observando as interações entre neopentecostalismo e neoliberalismo. Amparando-se nos apontamentos de Wendy Brown (2018), de que uma característica do neoliberalismo é a conduta empreendedora em todos os lugares, as seções seguintes se propõem a detalhar e justificar a hipótese de influência neoliberal nas organizações sob análise.

10 Trata-se de decisão do processo RR 0001007.13.2011.5.09.0892 e do AIRR – 0074040-42.2005.5.05.0024. Trata-se de descrição do ministro Ives Gandra em decisão do Tribunal Superior do Trabalho.

11 Temática abordada em dissertação produzida pela autora.

12 A imunidade dos templos de qualquer culto está prevista no artigo 150, VI, b, da Constituição da República Federativa do Brasil. É considerada uma extensão do direito constitucional à liberdade de culto. Pressupõe a comprovação da inexistência de fim lucrativo e da utilização do templo, e que a renda do imóvel é revertida para o desenvolvimento de sua finalidade.

Economicização do sagrado

A atuação de igrejas neopentecostais traduz um cenário que será aqui definido como um processo de “economicização do sagrado”. A expressão se ampara na significação atribuída por Çaliskan e Callon (2009) para o fenômeno de conversão de domínios, atividades e sujeitos não econômicos em econômicos e descrita por Wendy Brown (2018) como marca crucial do modelo neoliberal, no qual o estado, a sociedade, os sujeitos, a política e os direitos são metamorfoseados em capital.

Ivan de Oliveira Silva opta pela expressão “mercantilização”, observando que na difusão da cultura do consumo, o sagrado também passou a ser considerado mercadoria (2013, p. 56). Este estudo, contudo, adotará o termo conforme proposto por Brown, como parte da perspectiva interpretativa que investiga mais abrangentemente o processo de economicização no contexto religioso.

A próxima seção delineará a transformação da relação com o divino nos ambientes neopentecostais, destacando dois pontos principais: a dinâmica entre a organização religiosa e os fiéis, bem como a implementação de estratégias publicitárias no contexto religioso.

Economicização do sagrado: fiel-consumidor x entidade religiosa fornecedora do favor divino

No modelo neopentecostal, encontra-se a ideia de que o fiel precisa “dar-se”, pressuposto à realização das bênçãos (SILVA, 2008, p. 179). Exprime um sacrifício a ser realizado pelo sujeito em troca de um benefício maior. A relação com o sagrado é individual. Se o sujeito tiver fé, a divindade agirá em seu favor à medida que ele se entrega. Esta relação costuma seguir uma lógica econômica. Não se trata, em grande maioria, de uma rendição espiritual, mas de valores financeiros como doações e ofertas. Cria-se ao sujeito a ideia de que está realizando um investimento (Brown, 2018, p. 7).

Nesta relação propaga-se um deus que exige mobilidade, e que, benevolente, está disposto a auxiliar os fiéis em sua melhora. Esse deus espera do sujeito o ato de entrega para a passagem a outro “nível de espiritualidade”, pois a sua atuação ocorre em retribuição a uma atitude de fé. Assim, ocorrendo a disposição para dar, é que será possibilitada a obtenção das bênçãos. O sujeito terá a resposta do sagrado na medida do sacrifício que realizar. Exige-se, portanto, um grande sacrifício financeiro, e a bênção desejada, será proporcional ao que foi investido.

O discurso empreendedor para obtenção do sucesso individual por meio da fé é atributo primordial para a atração do fiel como um cliente (Silva, 2013). Gilberto Nascimento ressalta a visão do bispo Edir Macêdo da IURD de que, quando ajudam a igreja a divulgar a mensagem, os fiéis estariam firmando um compromisso com o Criador e adquirindo “automaticamente o direito de se sentir como ‘sócios de Deus’” (Nascimento, 2019, p.10). Marcas da relação comercial também se revelam ao Macêdo afirmar que “[...] quando o fiel faz sua doação ou paga o dízimo, Deus contrai uma

obrigação com ele” e, ao dar provas de sua fidelidade, “[...] o fiel poderá exigir uma contrapartida divina” (Nascimento, 2019, p.11).

A organização religiosa promete um resultado ao fiel e se define como o meio para fornecimento da bênção através de seus cultos, reuniões ou eventos. O fiel se comporta como um cliente, ou consumidor, destes serviços ou produtos religiosos ofertados (Silva, 2013). Ele realiza uma espécie de pagamento através de ofertas, ressaltando a economização do ambiente religioso.

Economização do sagrado: publicidade e propagandas religiosas

A utilização de *slogans* e discursos amparados em marketing empresarial para a divulgar palestras, cultos e campanhas é indicativo a considerar marcas do modelo neoliberal e a tendência de economicização. O uso excessivo de estratégias mercadológicas para atrair pessoas a uma organização religiosa, por si, já suscita questionamentos, especialmente quando se considera a finalidade fundamental de entidades de natureza religiosa.

Para Ari Pedro Oro (1992) o uso dos meios de comunicação de massa é a primeira característica específica do neopentecostalismo. O que permite identificar certo viés empresarial pelo emprego de estratégias de crescimento. Os programas de televisão e rádio funcionam como captadores de fiéis, por serem meio acessível às massas, garantindo reprodução constante na vida cotidiana.

Nas mídias de massa são propagados “testemunhos de fé” que legitimam a capacidade de produzir resultados. Funciona como marketing, anunciando o que aquela igreja – ou empresa – tem a oferecer a seu público, em destaque às demais. Este modelo é possibilitado graças à centralização de sua liderança (Siepierski, 2001), capaz de manter a estratégia e mobilizar volumosas quantias para investimento em divulgação e mídia.

Telerreligião: emancipação do sujeito da solidariedade tradicional cristã

Traço compartilhado pelas igrejas neopentecostais estabelecidas no Brasil é a sua presença ativa em redes de televisão e rádio. Também foram muito utilizados os veículos impressos de comunicação, embora atualmente estejam em declínio. Fato é que a relação é tão inseparável que podemos usar o texto bíblico em alusão para dizer que “assim como a corça anseia por águas correntes, anseia o neopentecostal pelo domínio dos meios de comunicação”¹³.

Atingir os meios de comunicação e manter um programa no ar em horários nobres e atingir o máximo de pessoas é a postura seguida como um roteiro. O neopentecostal precisa que sua igreja cresça – e, ao que parece, de preferência em proporções planetárias, dada a escolha dos termos universal, internacional, mundial.

Malheiros (2008, p. 176) destaca que “[...] se, no passado, o homem ia ao encontro de Deus, hoje é ‘Deus’, intermediado pela mídia, que vem ao encontro do homem, na

13 Em referência ao Salmo 42.1-2.

busca incessante de fiéis”. Embora as conclusões de sua pesquisa apontem que, estatisticamente, o televangelismo não seja preponderante à conversão, mostra-se eficiente como um “quebra gelo”, um pré-evangelismo, para familiarizar os telespectadores à mensagem (p.179).

O fenômeno da “igreja eletrônica” é explicado por Maria da Penha Nunes da Rocha (2006) como uma manifestação inspirada no televangelismo dos Estados Unidos, refletindo a postura das igrejas diante do fenômeno da globalização. A autora ressalta que os meios de comunicação de massa e os apelos retóricos constituem um modelo convincente e atrativo, alinhando-se à lógica capitalista de mercado ao empregar a tecno-interação como meio de manter e consolidar o poder. Para ela, a relação estratégica do discurso estrutura a religião em um “modelo sistêmico pragmático neoliberal” realizando substituição de valores e da prolongada “ideia do ‘bem ético’ cristão, pelo ‘aqui e agora do ‘estar’ individualista’ associando salvação e consumo” (2006, p. 32).

Com o intuito de cativar a audiência, além da transmissão de cultos, alguns programas têm se destacado por sua versatilidade. É o caso do “Fala que eu te escuto”, da IURD, transmitido nas madrugadas da Rede Record. João Pantoja e Kátia Mendonça (2020), salientam o papel do programa na construção da identidade da igreja, e na expansão da doutrina. A atração une reportagens jornalísticas a testemunhos e orações. A forma de abordagem visa, estrategicamente, conceder maior credibilidade ao discurso e suscitar maior interesse do público.

Outro aspecto a ser posto em análise é o constante pedido de doação dos fiéis que acompanha as programações religiosas. Prática que Pantoja e Mendonça (2020) consideram enraizada no universo neopentecostal. Defende-se o crescimento da organização através do aumento de seu poder de influência e da atração de outras pessoas, perspectiva sempre travestida pela ideia de “pregação do evangelho”, fator utilizado para o convencimento.

As igrejas Paz e Vida, através da campanha “pregadores do telhado” e a Apostólica Plenitude do Trono de Deus têm sido recentes exemplos de campanhas para que seus fiéis partilhem do sacrifício e façam doações em prol da manutenção dos programas de rádio e tv. O fiel é conclamado partilhar a responsabilidade pelo crescimento da organização, financiando sua estratégia de marketing. Tudo sempre em nome da propagação do evangelho.

Fato que segue a tendência de telereligião é a utilização do YouTube. As conhecidas igrejas possuem canais sob sua titularidade para a transmissão de seus cultos. Porém, mais recentemente, especialmente após o período de isolamento da pandemia do COVID 19, lideranças autônomas se destacaram com a transmissão de orações milagrosas, evidenciando doutrinas neopentecostais. Possuem maior evidência no ramo o bispo Bruno Leonardo, líder e fundador da igreja Batista Avivamento Mundial, com 19,9 milhões de inscritos em seu canal, e o pastor Antônio Junior, com 13,7 milhões de inscritos. Ambos apresentam vídeos diários com orações.

Há necessidade de pesquisas adicionais sobre o fenômeno no futuro, porém, de plano, pode-se observar que refletem a mesma tendência de afastamento da noção de coletivo das igrejas tradicionais. O telespectador pode selecionar o tipo de oração e favor divino de que precisa, vincular-se a campanhas e doar para a propagação do evangelho

e sustento do canal, sem sair de casa e sem integrar uma comunidade cristã. O ponto seguinte ampliará a análise destas questões.

Sacrifício coletivo e responsabilização individual

O sacrifício individual do sujeito em prol da entidade e a responsabilidade pelo seu fracasso, exploradas de formas incidentais nas seções anteriores, são características da governança neoliberal descritos por Brown (2018). Primeiramente, a noção de sacrifício coletivo se mostra evidente através dos pedidos de dízimos e ofertas. O fiel é bombardeado com pedidos de doações, com a venda de produtos religiosos e campanhas que firmam um propósito para atrair sujeitos prontos a financiar os projetos da entidade. Por vezes, é compelido a entregar tudo o que possui, em ato de fé, e, caso não possua condições, parcelar a oferta em cartão de crédito.

Podem ser verificadas aproximações à lógica neoliberalista diante do constrangimento para o sujeito “vestir-se à moda do capital”, pois é induzido a perceber-se como um sujeito-empresa. Este sujeito deve entender-se como uma entidade autônoma apta a dedicar esforços em seu próprio desenvolvimento para alcançar lucros e benefícios. Para tanto, comporta-se como um empreendedor diligente e responsável, fazendo sua parte na “sociedade com o divino”. Ao ofertar, investe financeiramente, para colher bençãos futuras.

A existência na IURD do culto das segundas-feiras atualmente nomeado como “congresso para o sucesso” é um bom exemplo a contextualizar a visão do sujeito-empresa. A organização define em seu site oficial que se trata de “palestra da Universal voltada especialmente a quem busca mudança na vida profissional e, conseqüentemente, na vida financeira”. Anos atrás a reunião era denominada “Congresso empresarial” e tem por tema central a visão empreendedora do indivíduo, com a doação como elemento de investimento necessário para alcançar a prosperidade.

A conjuntura que indivíduo está inserido o torna inclinado a realizar o investimento exigido pela igreja. No entanto, é crucial salientar que, ao adquirir um objeto de significado mágico, como o “travesseiro dos sonhos” vendido pela igreja, participar de uma reunião para libertação espiritual ou quitar todos os boletos de um carnê de doações, o fiel não possui a garantia de que, unicamente por essas ações, alcançará resultados. Isto ocorre porque o resultado prometido depende de ato benéfico da atuação divina, frise-se, ação de terceiro à relação jurídica estabelecida (Silva; Cintra, 2020).

O fiel deve sacrificar-se e empenhar-se para que obtenha a recompensa desejada, mas será responsável pelo insucesso em sua entrega. O processo de responsabilização exime a entidade religiosa, ao afirmar que, caso não consiga atingir o resultado esperado, o fiel será o único responsável, pois “não teve fé suficiente”.

A autonomia e afastamento promovidos pelo modelo de telerreligião também refletem as “[...] práticas neoliberais de delegação e responsabilização” que conformam uma estrutura de isolamento, fraqueza e sacrifício, apresentada por Brown (2018, p. 12). A “igreja eletrônica”, conduz os indivíduos à emancipação de sua fé, pela liberdade e autonomia na escolha do produto religioso desejado. Atua de modo semelhante

à mentalidade neoliberal de libertação do sujeito de um poder coercitivo. Representa erosão à solidariedade social cristã e o ideal bíblico de “corpo de cristo”, de “partilhar o pão”, pois, já não há pertencimento a uma comunidade.

O modelo religioso neopentecostal torna os indivíduos autônomos quanto à sua fé e responsáveis por si mesmos. Entretanto, simultaneamente, os vincula aos poderes da organização por meio de sua doutrina, uma vez que seguem e sustentam financeiramente o programa institucional. Existe a integração do sujeito a um projeto, mas há individualização no plano fático. A proposta traduz uma “cooperação sem coletivização”, conjuga o “reunir e separar” apontado por Brown. (2018, p.17-18), refletindo a essência do funcionamento de uma governança neoliberal.

Conclusão

Este estudo foi construído questionando aproximações do modelo religioso neopentecostal e o neoliberalismo, buscando questionar o neopentecostalismo como vertente religiosa que manifesta características da mentalidade neoliberal, tomando por referencial a análise feita por Wendy Brown (2018) sobre a construção da cidadania neoliberal.

Primeiramente, objetivou-se contextualizar as organizações em estudo, brevemente traçando, nas seções um e dois, o cenário religioso brasileiro, definindo aspectos gerais da doutrina neopentecostal e o contexto neoliberal como favorável ao crescimento neopentecostal. Coube à terceira seção abordar aspectos controversos da atuação dessas organizações, expondo argumentos que consideram a semelhança das igrejas com empresas; destacar a presença de economicização do sagrado na relação estabelecida com seus fiéis e no exercício de estratégias de marketing e publicidade religiosa; observar o processo de emancipação do sujeito por meio do modelo de telerreligião, e, por fim, o sacrifício coletivo e a responsabilização individual.

O último ponto do estudo ressaltou que o processo de ascensão da doutrina neopentecostal está amparado no projeto de emancipação dos indivíduos proposto pela cidadania liberal, “libertando-os” do modelo de atuação de igrejas tradicionais, deslocando-os à utilização da religião de forma semelhante a uma relação de consumo. O efeito é provocado pela economicização do sagrado. Traduz a invasão do capitalismo ao cenário religioso, permissivo à interpretação de que a interação com o plano espiritual ocorre após o investimento do sujeito, por meio de sacrifício e entrega, que, se realizada com fé, resultará na obtenção do “produto religioso”: o favor divino através de bençãos materiais e espirituais.

O modelo de telerreligião foi descrito como caminho para a individualização dos sujeitos pretendida na racionalidade neoliberal, favorecendo a tendência de afastamento da noção de coletivo, modificando a compreensão de igreja como “corpo de cristo”, em erosão à solidariedade social dos agrupamentos cristãos tradicionais. Todavia, o mesmo mecanismo mostra-se capaz de envolver o sujeito desprotegido a comprometer-se com algo maior: partilhar do sacrifício coletivo como contribuinte à ascensão de impérios religiosos que avançam pelos meios de comunicação e mídias sociais.

A última subseção ocupou-se em, retomando o panorama já firmado nas seções anteriores, analisar sob o plano teórico a presença do sacrifício individual e a responsabilização característicos da governança neoliberal. Destaca-se que o modelo torna os indivíduos autônomos quanto à sua fé, mas responsáveis por si mesmos. Pois, o resultado do investimento ocorrerá de acordo com o nível de fé empregado pelo sujeito.

As marcas da apropriação do discurso neoliberal pelo modelo neopentecostal se mostram presentes nos diversos pontos traçados. Como resultados, verificou-se no plano fático, existentes relações entre a racionalidade neoliberal e o modelo de atuação das organizações neopentecostais brasileiras. A similitude é percebida no processo de organização e desenvolvimento das entidades religiosas; na sua relação com o público e na adoção de estratégias mercadológicas em um ambiente que as deveria repelir.

O modelo também tem provocado reflexos no olhar do sujeito sobre si mesmo e sobre o cristianismo, promovendo um remodelamento da interação dos indivíduos com o sagrado. Por estas razões, este fenômeno precisa ser observado em suas características distintas do cristianismo tradicional.

Referencias

ABREU, Nayara dos Santos. "Magia" Neopentecostal e "Espírito" Neoliberal. 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

ALVES, José Eustáquio Diniz; CAVENAGHI, Suzana Marta; BARROS, Luiz Felipe Walter; CARVALHO, Angelita Alves de. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. *Tempo Social*, São Paulo, Brasil, v. 29, n. 2, p. 215–242, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/112180>. Acesso em: 23 abr. 2024.

BITUN, Ricardo. Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e Continuidades no Campo Religioso Neopentecostal. 2007. 200 f. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

BRASIL, IBGE. Censo demográfico 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência.

BRASIL. Tribunal Superior do Trabalho. AIRR – 74040-42.2005.5.05.0024, Relator Ministro: Ives Gandra Martins Filho, Data de Julgamento: 27/08/2008, 7ª Turma, Data de Publicação: 05/09/2008

BRASIL, IBGE. Censo demográfico 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Disponível em: www.ibge.gov.br Acesso em: 22 nov 2023

BROWN, Wendy. Cidadania Sacrificial – Neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. Pequena Biblioteca de Ensaio. Rio de Janeiro: Zazie, 2018.

BROWN, Wendy. Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

ÇALISKAN, Koray; CALLON, Michel. “Economization, Part 1: Shifting Attention from the Economy Towards Processes of Economization”. *Economy and Society* 38, 2009, p. 369-398.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Editora Vozes, 1997.

CAVALCANTI, Robson. *Pseudo-pentecostais: nem evangélicos, nem protestantes*. *Ultimato*, Viçosa ano XVI, n. 314, set./out. 2008.

DEBORD, Guy. *Sociedade do Espetáculo. Projeto Periferia*. Ebooksbrasil, 2003.

FILGUEIRAS, Luiz. *O neoliberalismo no Brasil: estrutura, dinâmica e ajuste do modelo econômico*. Em publicação: *Neoliberalismo y sectores dominantes. Tendencias globales y experiencias nacionales*. Basualdo, Eduardo M.; Arceo, Enrique. CLACSO, Buenos Aires, 2006.

FRESTON, Paul. *Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 307f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1581014>. Acesso em: 30 nov. 2023

GILBERTO NASCIMENTO: OS EVANGÉLICOS E A POLÍTICA – 20 Minutos Entrevista. S.I: Opera Mundi, 2021 YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7rhkgmXr75M>. Acesso em: 20 out. 2023.

HAGIN, Kenneth E. *Eu creio em visões*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1996.

HAGIN, Kenneth E. *Pensamento certo ou errado*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2000.

HAYEK, Friedrich. “Closing Speech”, Sociedade Mont Pélerin, 3 mar 1984. Disponível em <https://margarethatcher.org/document/117193> Acesso em 10 nov. 2023.

IURD. *Igreja Universal: países*. Países. 2023. Disponível em: <https://www.igrejauniversal.pt/paises/>. Acesso em: 25 set. 2023.

MALHEIROS, Celso A. *Religião e TV: um estudo de programas neopentecostais*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2008. Disponível em: <https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2014/02/10-Religi%C3%A3o-e-TV.pdf> Acesso em 04 jan. 2024

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MATOS, Alderi Sousa de. *Breve história do protestantismo no Brasil*. *Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB*, v. 3, n., 2011.

MATOS, Alderi Sousa de. *O movimento pentecostal: Reflexões a propósito do seu primeiro centenário*. *Fides Reformata*, v.11, N. 2. São Paulo, 2006.

- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos*. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa de. Um panorama do protestantismo brasileiro atual. *Cadernos do Iser*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 22, 1989, p.37-86.
- MORAES, Gerson Leite de. *A força midiática da Igreja Universal da Graça de Deus*. 2008. 236 f. Tese (Doutorado) – Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.
- MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo: um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. *Revista de Estudos da Religião – Rever*, São Paulo, v. 38, p. 1-19, jun. 2010. Trimestral. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.pdf. Acesso em: 12 dez. 2023.
- MORAIS, Edson Elias de. *Religiosidade Neopentecostal e o consumo de bens simbólicos*. 2012. 76 f. TCC – Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.
- MORAIS, Márcio Eduardo Senra Nogueira Pedrosa. *Laicidade e Democracia: o abuso do poder religioso no processo eleitoral como ofensa aos postulados do estado democrático de direito*. *Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas, Pouso Alegre*, v. 35, p. 253-271. jan/jun. 2019.
- NASCIMENTO, Gilberto. *O reino: a história de Edir Macêdo e uma radiografia da Igreja Universal*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- NEVES, Isac Cardoso das. *O pastor evangélico e seus direitos sociais e trabalhistas: uma análise da configuração de emprego*. 2021. 110 f. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.
- ORO, Ari Pedro. “Podem passar a sacolinha: um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo”. *Cadernos de Antropologia*. n. 9, Porto Alegre, UFRGS, 1992.
- PANTOJA, João Afonso dos Santos L. MENDONÇA, Kátia. “Fala que eu te escuto”: um estudo sobre o televangelismo e a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) nas ciências da religião. *Nova Revista Amazônica, Bragança*, v. 8, n. 1, p. 215-227, abr. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/nra.v8i1.8629>. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/12590>. Acesso em: 05 jan 2024.
- PIERRAT, Alan B. *O Evangelho da Prosperidade*. São Paulo: Sociedade Religiosa, Vida Nova, 1993.
- RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil monárquico (1822-1888): aspectos culturais da aceitação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1973.
- ROCHA, Maria da Penha Nunes da. *As estratégias de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus*. 2006. 222 f. Tese (Doutorado) – Curso de Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

RODRIGUES, Jadir Gonçalves. Carisma e Poder: Categorias elementares da Retórica da Igreja Universal do Reino de Deus. 2011. 233 f. Tese (Doutorado) – Curso de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. "De bem com a vida": o sagrado num mundo em transformação. 2001. Tese (Doutorado) Curso de Antropologia Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SILVA, Drance Elias da. Neopentecostalismo, Dinheiro, Dádiva e Representação social do divino. *Interações: Cultura e Comunidade*, Minas Gerais, v. 3, n. 3, 2008.

SILVA, Ivan de Oliveira. Relação de Consumo religiosa: a vulnerabilidade do fiel-consumidor e a sua tutela por meio do Código de Defesa do Consumidor. São Paulo: Atlas, 2013.

SILVA, Fernando de Barros e. Para intelectuais, novas igrejas são 'fast-food' da fé. 1995. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/17/brasil/30.html>. Acesso em: 05 jan. 2024.

SILVA, Joseane Suzart Lopes da; CINTRA, Paula Lobo. Publicidade Religiosa Abusiva e Enganosa. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

TORRINHA, Francisco. 1942. Dicionário Latino Português. Porto: Gráficas Reunidas.

Submetido em: 17/01/2024

Aprovado em: 03/05/2024

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Alfredo Teixeira.